

O discurso sobre a crise de refugiados europeia na mídia espanhola: mapear *frames* de humanização e desumanização através de metáforas¹

The European refugee crisis discourse in the Spanish press: mapping humanization and dehumanization frames through metaphors

Marta Montagut
Carlota M. Moragas-Fernández²

(Tradução):
Cássio Morosini Filho
Bruno Puccini³

Revisão de tradução: Luciane Corrêa Ferreira (UFMG)⁴

Resumo: Recentemente, a crise dos refugiados europeia tem estado em posição de destaque em narrativas midiáticas e políticas a respeito da imigração. Partindo da análise crítica de metáforas (ACM), este artigo investiga os *frames* empregados pela mídia espanhola para tratar de tal crise em 2015, 2016 e 2017. A evolução de diferentes maneiras de conceitualizar tanto migrantes quanto políticas europeias revelam dois *frames* metafóricos: o *frame* de desumanização, no qual refugiados são um desastre natural/massa de água ou objetos/bens, e o *frame* de humanização, no qual migrantes são retratados positivamente como viajantes, mas também negativamente, como encenqueiros. A Espanha não é apresentada como ator político ativo até 2016 e 2017, quando passa a ser retratada sob o domínio fonte de ser vivo, geralmente de maneira negativa. Conclui-se que a maneira como a crise de refugiados é representada está de acordo com políticas de realocação e reassentamento da UE, além de demonstrar a conexão entre linguagem e política.

Palavras-chave: crise de refugiados; *framing* metafórico; análise crítica de metáforas; Europa; mídia espanhola.

Abstract: The European refugee crisis has a central role in media and political narratives about migration these days. By applying critical metaphor analysis, this article explores how the Spanish press framed the crisis using metaphors in 2015, 2016, and 2017. The evolution of the different ways of conceptualizing migrants and European policies shows two metaphorical frames: the dehumanization frame, where refugees are a natural disaster/mass water or objects/goods, and the humanization frame, where migrants are positively framed as travelers, but also negatively, as troublemakers. Spain as a political actor has no agency till 2016 and 2017, when it is portrayed under the living thing source domain, mainly in a negative way. It is concluded that the way in which the refugee crisis is framed is

¹ Artigo traduzido com a autorização das autoras e da editora responsável pela publicação da versão em inglês, a partir do texto MONTAUT, M.; MORAGAS-FERNÁNDEZ, C. M. The European refugee crisis discourse in the Spanish press: mapping humanization and dehumanization frames through metaphors, *International Journal of Communication*, n. 14, p. 69-91, 2020.

² Professora sênior, vinculada ao departamento *Estudis de Comunicació*, da *Universitat Rovira i Virgili*, marta.montagut@urv.cat; Pesquisadora com pós-doutorado, vinculada ao departamento *Estudis de Comunicació*, da *Universitat Rovira i Virgili*, carlotamaria.moragas@urv.cat

³ Graduado em Letras - Tradução Português/Inglês pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), membro do Grupo de Estudos Cognição, Educação, Imigração e Refúgio (GECEIR/CNPq) da UFMG, cassio.bmorosini@gmail.com; Graduando em Letras - Licenciatura em Inglês pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), membro do Grupo de Estudos Cognição, Educação, Imigração e Refúgio (GECEIR/CNPq) da UFMG, puccinibruno@gmail.com.

⁴ Professora associada da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professora residente do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT) da UFMG, líder do Grupo de Estudos Cognição, Educação, Imigração e Refúgio (GECEIR/CNPq) da UFMG.

in line either with EU relocation or resettlement policies and points out the connection between language and policy.

Keywords: refugee crisis; metaphorical framing; critical metaphor analysis; Europe; Spanish media.

1. Introdução

A crise migratória da Europa, i.e., a imensa quantidade de refugiados fugindo de países em conflito e as dificuldades para tratar politicamente da entrada dessas pessoas na União Europeia (UE) adquiriu um significado especial quando, em 2015, órgãos como a Anistia Internacional e o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) demonstraram que o número de pessoas deslocadas naquele momento representava o maior deslocamento humano desde a Segunda Guerra Mundial (JONES & TEYTELBOYM, 2017, p. 84). A cúpula da UE em Bruxelas, em setembro de 2015, pôs a questão em sua agenda política e trouxe mudanças importantes nas políticas de asilo para lidar com a crise dos refugiados. Uma das principais medidas legais foi o estabelecimento de uma cota obrigatória para alocação de refugiados em cada Estado-membro. Na Espanha, o foco das atenções foi o prazo para o cumprimento dos requisitos da UE a respeito das cotas de refugiados, definido como 26 de setembro de 2017. A primeira onda de refugiados chegou em maio de 2016, mas, até aquele momento, a Espanha havia preenchido somente 11% da cota estabelecida (NEWS AGENCY, 2017).

A Espanha nem sempre foi um dos destinos preferidos dos migrantes devido às mudanças políticas e econômicas que o país enfrentou nos últimos vinte anos (ALSCHER, 2017). A chegada de migrantes à Espanha foi “recente e abrupta” (MORALES; PARDOS-PRADO; ROS, 2015, p. 463) e começou a ser percebida como um problema político no início dos anos 1990, quando o governo socialista espanhol “começou a fechar as fronteiras do sul” (ALSCHER, 2017, p. 26). O objetivo dessas políticas era impedir a chegada de migrantes à Espanha por meio de jangadas ou “*pateras*” do Marrocos e da África Subsaariana. As medidas de controle da imigração foram intensificadas e reforçadas durante os períodos em que o direitista Partido Popular liderou o governo (1996 a 2004) (ver ALSCHER, 2017, p. 7-11). Tais políticas vieram acompanhadas de um discurso baseado na “luta contra a imigração ilegal” (ROJO; VAN DIJK, 1997, p. 527). Na verdade, o ex-primeiro-ministro conservador José Maria Aznar e sua administração foram os primeiros a vincular diretamente a imigração ao crime – com foco na imigração marroquina e subsaariana, em vez da latino-americana ou da imigração oriunda da Europa Oriental – apesar das inconsistências estatísticas e das críticas que receberam

(ALSCHER, 2017; ULLÁN DE LA ROSA, 2016). Sua agenda política forçou a maioria dos partidos a olhar para a imigração como uma questão conflituosa (MORALES *et al.*, 2015). Nos anos seguintes, os governos de José Luis Rodríguez Zapatero (2004 a 2011) e Mariano Rajoy (2011 a 2018) não realizaram mudanças significativas ao legislar sobre controle de fronteiras, deportações e crime organizado; em parte, por causa das restrições derivadas da crise econômica (DEL PINO, 2013; ULLÁN DE LA ROSA, 2016). Naquela época, os discursos políticos e midiáticos a respeito da imigração eram predominantemente negativos (CHENG *et al.*, 2014; IGARTUA *et al.*, 2005; IGARTUA *et al.*, 2008), mas não desumanizadores. Esse não era o caso de outros países europeus, nos quais migrantes eram conceitualizados como animais ou parasitas (MUSOLFF, 2015).

Em 2015, a "crise dos refugiados" trouxe novos atores políticos e uma mudança no tipo de migração que chegava à Espanha. As pessoas que chegavam ao país não eram mais imigrantes "irregulares", mas "refugiados" (ARANGO *et al.*, 2016, p. 20-21). Historicamente, "pessoas com pedido de asilo e refugiados [não têm sido] numericamente relevantes na Espanha" (MORALES *et al.*, 2015, p. 465) e, em 2015, o número de refugiados designados ao país dentro da estrutura da cúpula da UE "era relativamente modesto" (HEATH; RICHARDS, 2019, p. 16) se comparado à Áustria ou Alemanha. No entanto, ter este número tradicionalmente baixo de refugiados não implicava uma avaliação negativa da experiência direta com os solicitantes de asilo. Em vez disso, resultou em uma avaliação negativa da competência política na gestão dessa situação e do papel desempenhado pela mídia na cobertura da crise (HEATH; RICHARDS, 2019, p. 19). Os dados coletados pelo CIS - o Centro Espanhol de Pesquisa Sociológica - e pelo Inquérito Social Europeu mostram que a opinião pública espanhola avaliou negativamente as políticas para refugiados da UE e a gestão local da crise, mas não o acolhimento de refugiados (ARANGO *et al.*, 2016). Esses dados confirmam o que foi suscitado por Berry, Garcia-Blanco e Moore (2016), Goodman, Sirriyeh e McMahon (2017), e Parker, Naper e Goodman (2018) em relação a diferentes categorizações do imigrante de acordo com seu status (i.e., migrantes econômicos são uma ameaça, enquanto refugiados precisam de ajuda).

Deixando de lado o contexto atual, os movimentos migratórios — especialmente aqueles considerados econômicos — têm constantemente sido foco da comunidade acadêmica em relação às narrativas políticas e midiáticas construídas em torno do fenômeno, com profundas implicações na percepção das migrações e suas consequências políticas (EBERT *et al.*, 2018). Destacam-se as análises sobre o racismo na construção do discurso político em torno da etnicidade e da imigração (HANSON-EASEY; AUGOUSTINOS, 2010; VAN DIJK, 1993,

2005), o enquadramento de imigrantes nas notícias (CHENG *et al.*, 2014; GREUSSING; BOOMGAARDEN, 2017; IGARTUA *et al.*, 2005; VAN GORP, 2005) e o papel da metáfora em discursos sociais e políticos a respeito de imigrantes e refugiados (CHARTERIS-BLACK, 2006; MUSOLFF, 2015, 2017; O'BRIEN, 2003; SANTA ANA, 1999; SEMINO, 2008; WODAK; SEDLAK, 2000). Praticamente todos os autores – seja da perspectiva da análise crítica do discurso (ACD), da teoria do modelo interpretativo ou da ACM – concordam que a migração gera diversas representações conflitantes no discurso público e leva ao desenvolvimento de todo tipo de argumentos e modelos interpretativos, podendo gerar um novo léxico e novas metáforas. O que nos preocupa aqui é como as metáforas constituem elementos-chave na forma como a crise migratória europeia é explicada.

Como aponta Mio (1997), as metáforas atuam como ponte entre o pensamento lógico e as emoções e, portanto, recorrem à construção de significados simbólicos para tornar o debate público inteligível. Por isso, é importante destacar a responsabilidade de políticos e da mídia na construção discursiva dos conflitos gerados por crises migratórias. No presente estudo, analisamos quais foram esses discursos e como eles se tornaram visíveis através do enquadramento metafórico na imprensa espanhola em três períodos diferentes, de 2015 a 2017.

2. O papel da metáfora em discursos a respeito da imigração

A metáfora é um dos principais elementos do discurso público. Seu poder reside em sua capacidade de moldar nossa percepção de questões políticas e influenciar “como enxergamos ou compreendemos questões políticas através da eliminação de pontos de vista alternativos” (CHARTERIS-BLACK, 2011, p. 32). Dessa maneira, podemos considerar que uma metáfora funciona como uma moldura, i.e. um *frame*, que é um dispositivo discursivo que “seleciona alguns aspectos de uma realidade observada e os torna mais salientes em um texto, de maneira a favorecer uma definição de um problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento em particular” (ENTMAN, 1993, p. 52). A teoria de *frames* tem sido propensa a desvalorizar o papel da metáfora e, tradicionalmente, a considera como um dispositivo de enquadramento (GAMSON; MODIGLIANI, 1989). Assim, a metáfora é compreendida como uma simples parte de outros mecanismos linguísticos e audiovisuais usados para identificar um *frame*. Entretanto, seguindo as ideias de Burgers, Konijn e Steen (2016) e Dekavalla e Montagut (2018), consideramos que o papel da metáfora no discurso público vai além dessa concepção. Sob a perspectiva desses autores, a metáfora pode ser entendida como um *frame* em si, de acordo com o que Burgers *et al.* (2016) definem como

“*frame* figurado”. Eles argumentam que a linguagem figurada pode operar tanto em um nível linguístico quanto em um nível conceitual, o que significa que algumas metáforas não atuam somente como dispositivos de enquadramento, mas também como dispositivos do pensamento e podem desenvolver narrativas complexas que guiam o público para uma compreensão em particular da realidade.

A capacidade da metáfora de comunicar com eficácia o pensamento político e a ideologia (CHARTERIS-BLACK, 2006) vincula-se a narrativas mais amplas existentes na sociedade e a torna um elemento central na construção da opinião pública. Segundo Burgers *et al.* (2016), *frames* figurados são construções narrativas mais eficientes quando se trata de estabelecer uma leitura da realidade. Isso ocorre com especial intensidade quando a metáfora ajuda a construir o mito político, que é “uma representação narrativa de experiências intangíveis – mas evocativas – que estão inconscientemente ligadas a emoções como a tristeza, a felicidade ou o medo” (CHARTERIS-BLACK, 2009, p. 100). A construção de mitos políticos – como o mito da “invasão” de refugiados – através de metáforas pressupõe a existência de *frames* figurados que vinculam diferentes famílias metafóricas, ou domínios fonte, para desenvolver uma narrativa coerente a respeito de uma questão política. A literatura aponta para dois *frames* principais usados para conceitualizar a imigração: desumanização e humanização.

3. *Frame* de desumanização

Vários estudos analisam o uso da metáfora nos discursos sobre migração. Merece menção especial um estudo de Charteris-Black (2006) que analisa as metáforas utilizadas nas declarações políticas sobre políticas de imigração na campanha eleitoral de 2005 no Reino Unido. O Partido Conservador e a extrema direita britânica usaram metáforas muito específicas sobre imigração para elaborar e legitimar argumentos e ações políticas subsequentes. O discurso da mídia refletiu duas amplas esferas metafóricas: “a imigração como um desastre natural” e “o Reino Unido como um contêiner”. Esses dois *frames* foram apresentados através do uso sistemático de metáforas que se referiam ao domínio fonte de água, que ativa “ambos os cenários de desastre e de contenimento” (CHARTERIS-BLACK, 2006, p. 569).

Charteris-Black (2006) considera que há uma ligação conceitual entre os cenários de desastre e de contenimento que constitui um apelo poderoso às emoções e a instintos de defesa e proteção. O argumento construído a partir dessa ligação é responsável por criar uma dialética de ameaças externas definida em termos de pessoas que estão dentro do contêiner e pessoas que estão fora (e que clamam para entrar) ou de uma represa que ameaça explodir. As metáforas

associadas comunicam um mito político de uma invasão e uma ameaça iminente à população invadida. O uso de metáforas de desastres naturais relacionados à água para se referir à chegada de imigrantes sugere também que essa chegada “pode causar danos duradouros” (HART, 2010, p. 153; SEMINO, 2008). Diante da ameaça de danos, expressa nos termos catastróficos de uma “enchente” (HART, 2010, p. 153) ou “avalanche” (WODAK; SEDLAK, 2000, p. 233) e da exclusão ou contenimento de refugiados, políticas de restrição da imigração são percebidas como necessárias e inevitáveis. Arcimaviciene e Baglama (2018) argumentam que metáforas ligadas a fenômenos naturais ativam o “mito da desumanização” (p. 11) ao mesmo tempo em que legitimam o “mito da autoridade moral” e “nossas” decisões políticas a respeito “deles”.

Uma narrativa causal é assim construída com base em discursos emocionais que apelam ao “senso comum” da população (HANSON-EASEY; AUGOUSTINOS, 2010), enquanto, ao mesmo tempo, indicam decisões políticas sobre contenção e controle. A desumanização dos imigrantes tende a ser parte inevitável de uma estratégia para naturalizar um determinado discurso público em relação à imigração (HART, 2010, p. 149). O imigrante conceitualizado em termos de uma “onda”, um “fluxo” ou uma “enchente”, portanto, não é mais percebido como um sujeito, mas como um objeto desprovido de qualquer dimensão política. Assim, essas metáforas implicam que “imigrantes são inanimados e, conseqüentemente, não têm motivos, intenção ou volição” (HART, 2010, p. 149).

Van Dijk (2005) sugere que o uso de metáforas associadas a “ondas” e a uma massa de água ou desastre natural é parte intrínseca de um discurso sutilmente racista, que sempre apresenta a imigração como um “problema” ou uma “ameaça” (p. 33). A ação política é deixada nas mãos de atores políticos e da mídia – em sua maioria, uma elite branca – que, ao enquadrar negativamente e desumanizar os imigrantes, disfarçam o racismo social de suas decisões políticas em argumentos sobre uma suposta causalidade inevitável. A ligação entre cenários de desastres naturais, metáforas de água e contenimento “desestimula a empatia com os imigrantes ao tratá-los como objetos e não como sujeitos de histórias de vida” (CHARTERIS-BLACK, 2006, p. 569). A narrativa torna-se assim “um terreno fértil para criar e estabelecer atitudes de cunho estereotípico e xenofóbico, em consequência das quais o ódio se torna uma realidade aceitável” (ARCIMAVICIENE; BAGLAMA, 2018, p. 11). A narrativa é ainda reforçada por metáforas de extrema desumanização. Dessa maneira, migrantes são vistos como doentes (DEMATA, 2017) ou sujos (BAIDER; KOPYTOWSKA, 2017), como animais (O’BRIEN, 2003), parasitas (MUSOLFF, 2015), ou mesmo como monstros ou zumbis (MUSOLFF, 2017). O racismo manifesto e abertamente expresso pela extrema direita da Europa e dos EUA (HOGAN; HALTINNER, 2015; JONES; TEYTELBOYM, 2017; SANTA ANA, 1999) retrata

o imigrante como um ser sub-humano, responsável por desastres e doenças. De fato, o discurso anti-imigração do presidente Trump é especialmente relevante devido ao uso de *frames* radicais de desumanização (DEMATA, 2017).

Outra forma de desumanizar o migrante é através do domínio fonte de objeto ou mercadoria (ARCIMAVICIENE; BAGLAMA, 2018). Os imigrantes são representados no discurso público e institucional como “remessas” e tratados através de verbos como “embalar”, “processar”, “levar” ou “(re)distribuir”. Nesse sentido, “o uso de metáforas de objetos cria uma proximidade ideológica entre os migrantes, ou ‘eles’, que se distanciam física e emocionalmente de ‘nós’”. (ARCIMAVICIENE; BAGLAMA, 2018, p. 7). Isso implica uma narrativa que deslegitima politicamente o migrante, ao mesmo tempo em que legitima aqueles que tomam decisões políticas a seu respeito. Na verdade, quando metáforas partindo de domínios fonte como comércio ou negócios são usadas para explicar processos políticos complexos, cria-se uma percepção de controle e eficiência por parte dos atores políticos (LAKOFF, 1999). Chilton (1996) sugere também que o uso da metáfora para explicar questões de políticas internacionais complexas simplifica as narrativas e estabelece a legitimidade daqueles que tomam as decisões, mas não daqueles que são objeto dessas decisões. Nesse processo simultâneo de deslegitimar “eles” e legitimar o “nós”, países e instituições são seres vivos, enquanto migrantes são objetos (ARCIMAVICIENE; BAGLAMA, 2018, p. 11).

4. *Frame* de humanização

Dependendo do *frame* usado pela mídia para conceitualizar questões a respeito da migração, são construídas narrativas que levam a uma avaliação positiva ou negativa. Por exemplo, Figenschou e Thorbjørnsrud (2015) destacaram *frames* de interesse humano que podem oferecer novas perspectivas sobre a questão da migração ao contar as histórias individuais de imigrantes e proporcionar um vislumbre das vidas e dos destinos dessas pessoas. Consequentemente, o uso de um modelo de interesse humano que proporcione agência ao imigrante (i.e., o imigrante como um sujeito, não um objeto) pode implicar uma avaliação positiva (IGARTUA *et al.*, 2005). Dentro desse modelo, podemos encontrar metáforas que partem dos domínios fonte viagem e família, estimulando assim maior empatia com os imigrantes (CHARTERIS-BLACK, 2006, p. 569). Na mesma linha, os domínios fonte de conflito/guerra podem ser utilizados para legitimar a ação política de países e instituições quando “lutam” contra a crise humanitária.

No entanto, o *frame* de conflito também é usado para representar a crise dos refugiados negativamente (ARCIMAVICIENE; BAGLAMA, 2018). Metáforas que retratam migrantes que chegam à Europa sob domínios fonte de conflito/guerra – o migrante como um “invasor”, um “guerreiro”, alguém “atacando” fronteiras, como parte de um “contingente” ou uma “tropa” (PÉREZ, 2006; VAN DIJK, 2005) – conduzem a uma avaliação negativa, que tem sido predominante nos países mediterrâneos (CARNIEL; ORTEGA; VELÁZQUEZ, 2018) e nos países do Leste Europeu (HEATH; RICHARDS, 2019). Discursos políticos e midiáticos promovem narrativas articuladas através de metáforas de conflito/guerra para legitimar exclusões ou políticas repressivas contra migrantes, especialmente após os ataques terroristas ocorridos nos últimos anos (GOODMAN *et al.*, 2017). Como resultado, os migrantes são percebidos como uma ameaça pela comunidade que os recebe. Portanto, o uso do *frame* de humanização não implica necessariamente uma avaliação positiva; em caso de conflito/guerra, os migrantes podem ser apresentados como sujeitos “perigosos”, que devem ser controlados. Como indicado acima, isso tem ocorrido na Espanha por muitos anos.

5. E a Espanha?

Embora a literatura internacional sobre como os discursos políticos e midiáticos constroem os fenômenos migratórios seja abundante (ABID; MANAN; & RAHMAN, 2017; DEMATA, 2017; FERREIRA; FLISTER; MOROSINI, 2017; HANSON-EASY; AUGOUSTINOS, 2010; SANTA ANA, 1999), esse não é o caso da Espanha. É provável que isso aconteça porque, na Espanha, a imigração ocorreu mais tarde ou não foi detectada como um problema social nas agendas políticas e midiáticas até meados da década de 1990. (ALSCHER, 2017; IGARTUA *et al.*, 2005; MORALES *et al.*, 2015; VAN DIJK, 2005). Dos poucos trabalhos existentes, alguns dos mais referenciados são as pesquisas conduzidas por Igartua *et al.* (2005, 2008) e Cheng *et al.* (2014). Adotando uma perspectiva de *frames* para analisar a mídia espanhola, os autores identificaram *frames* recorrentes em notícias sobre a imigração e seus efeitos, o que os levou a concluir que a imigração é compreendida de maneira negativa e é particularmente associada à criminalidade. Por outro lado, os *frames* positivos detectados por Igartua *et al.* (2005) incluem *frames* genéricos de “interesse humano”, que refletem as histórias pessoais de imigrantes e os representam como um grupo com identidade e ação política. Essa “humanização” do “outro” – do imigrante/refugiado – mitiga ou mina a “desumanização” implícita em outros discursos e enquadramentos através de certas metáforas.

Outra contribuição importante para a análise do discurso sobre a imigração na Espanha vem da ACD. Rojo e van Dijk (1997) e van Dijk (2005) analisaram como os atores políticos e midiáticos espanhóis legitimam ações questionáveis nos níveis discursivos da pragmática, semântica e sociopolítica. A Espanha, diferente de outros países europeus, não possui um veículo midiático de direita que expresse sentimentos abertamente racistas (MORALES *et al.*, 2015; VAN DIJK, 2005). Mesmo assim, há um desequilíbrio evidente entre as avaliações negativas e positivas na mídia, com *frames* negativos (entrada ilegal, ameaça econômica e cultural) superando os *frames* positivos (contribuição econômica, enriquecimento cultural).

Por exemplo, Morales *et al.* (2015), em sua análise sobre os principais temas de campanha sobre imigração entre 2000 e 2011, estabeleceram que “justificativas instrumentais” para “a luta contra a imigração ilegal” – em conjunto com uma ligação discursiva entre imigração ilegal e criminalidade – estavam na base do discurso do partido político de direita Partido Popular. Eles também demonstraram que essas características foram adotadas como *frame* dominante pelos principais atores políticos e pela mídia às custas de “princípios morais”. Essas “justificativas instrumentais” foram construídas em torno do debate sobre a reforma da principal lei que rege a imigração e em torno de outras medidas relativas às políticas migratórias (MORALES *et al.*, 2015, p. 473-475). Da mesma maneira, as fotos e a cobertura de imprensa dos protestos de El Ejido em 2000 ou da chegada em massa à fronteira de Ceuta e Melilla em 2005 reforçaram a percepção da “invasão dos pobres” que “alimentou os medos da população espanhola” (ALSCHER, 2017, p. 14). Nesse sentido, alguns autores (AIERBE, 2006; PÉREZ, 2006; VAN DIJK, 2005) apontam as metáforas utilizadas pela imprensa espanhola durante esse período para enquadrar o caso Ceuta e Melilla e demonstram a predominância do uso de domínios fonte de violência ou de conflito/guerra, que conceitualizam os imigrantes como “guerreiros medievais” que “atacam/atacavam” as fronteiras e utilizavam “estratégias militares”.

Outros autores, em suas análises acerca das percepções da mídia sobre a imigração na Espanha (CHECA OLMOS; ARJONA GARRIDO, 2011; MARTÍNEZ LIROLA, 2010; NASH, 2005; RODRÍGUEZ; MENA, 2008), também confirmam que a percepção da “ameaça” deriva principalmente da mídia e do discurso político, independentemente de fatores como a taxa de desemprego ou a porcentagem de imigrantes na população. Isso reforça ainda mais como *frames* negativos na mídia são responsáveis por determinar certas percepções a respeito da imigração (IGARTUA *et al.*, 2008). Em relação à palavra “refugiado”, embora as percepções tendam a ser menos beligerantes do que com a palavra “imigrante”, uma narrativa semelhante

– “a migração é um problema” – é construída pela mídia (GUALDA; REBOLLO DÍAZ, 2016; PĂTRAȘCU, 2015).

Do ponto de vista da ACM, encontramos poucos trabalhos que abordem áreas além da mídia. Castaño, Laso, e Verdaguer (2017) exploram o “uso de expressões metafóricas, e a consciência de suas conotações, por estudantes de graduação em direito falantes de EAL (inglês como língua adicional)” (p. 246). Eles descobriram que o uso de metáforas conceituais – a migração é uma força natural, os estados são contêineres ou os imigrantes são uma ameaça – é comum na linguagem jurídica. Do ponto de vista da mídia, nosso objetivo é contribuir com ideias a respeito da representação dos refugiados na imprensa nacional espanhola, com foco nos domínios fonte da desumanização ou da humanização. Esse trabalho é realizado através da análise das metáforas identificadas, bem como dos domínios fonte aos quais elas pertencem e dos domínios alvo a que se referem, para descobrir como as estratégias de legitimação são articuladas.

6. Metodologia

O presente trabalho analisa construções discursivas sobre como países europeus lidam com a crise de refugiados sírios. Damos especial atenção ao papel desempenhado pelo governo espanhol nesse conflito. Assim, focamos nas metáforas empregadas na imprensa espanhola de massa como forma de identificar posicionamentos políticos particulares (BICKES; OTTEN; WEYMANN, 2014). Para isso, usamos o método da ACM de três passos desenvolvido por Charteris-Black (2004) para identificar, interpretar e explicar quais metáforas foram usadas para enquadrar a crise de refugiados em três jornais: *El País*, *La Vanguardia* e *El Mundo*.

A natureza da metáfora é analógica, o que determina sua estrutura e função. Por envolver dois nomes diferentes, um do qual partimos para que possamos compreender o significado do outro, ela possui duas partes distintas. Essas partes são o “domínio fonte” e o “domínio alvo”, também conhecidos como “veículo” e “tópico” (CAMERON, 1999) ou “foco” e “*frame*” (BLACK, 1962). Kövecses (2010) define a primeira como “o domínio conceitual a partir do qual extraímos expressões metafóricas para entender outro domínio conceitual”⁵ (p. 4). Esse outro domínio conceitual, o alvo, é, então, “o domínio que tentamos entender através do uso do domínio fonte”⁶ (KÖVECSES, 2010, p. 4). Isso resulta na “adoção de uma fonte ou experiência

⁵ Do original: “the conceptual domain from which we draw metaphorical expressions to understand another conceptual domain”.

⁶ Do original: “the domain that we try to understand through the use of the source domain”.

familiar para servir como uma base análoga que é então mapeada sobre um alvo análogo, mas não familiar”⁷ (BOUGHER, 2012, p. 146). Porque o ato de escolher um domínio fonte destaca alguns aspectos do domínio alvo e esconde outros – resultando numa visão particular do problema que está sendo enquadrado – (SEMINO, 2008, p. 34), é imprescindível olhar para a forma pela qual a imprensa espanhola de massa conceitualiza a crise de refugiados sírios.

Nosso objetivo foi detectar os principais domínios fonte (i.e., desastre natural) usados para conceitualizar o domínio alvo (i.e., migrantes) e explorar as implicações ideológicas subjacentes que esse uso acarreta. Para determinar se e como os governos espanhol e europeus mudaram seus posicionamentos ao longo do tempo, nós categorizamos artigos de opinião e informação sobre a crise em três períodos distintos influenciados por três eventos chave, a saber: a cúpula da UE em Bruxelas, de 14 a 17 de setembro de 2015; a chegada à Espanha da primeira cota de refugiados, de 24 a 27 de maio de 2016; e, por fim, o período de 25 a 28 de setembro de 2017, como o prazo para cumprimento das cotas de refugiados designadas pela UE. Nossa amostra foi composta de 101 artigos de notícia, que foram reduzidos a 89 após verificarmos quais se referiam explicitamente à crise migratória europeia. A partir dessa amostra, construímos um *corpus* contendo 474 expressões metafóricas, identificadas com base nos seguintes domínios alvo: principalmente crise/exílio de refugiados, acampamento de refugiados, migrantes, ONG’s, políticas, UE e Espanha, mas também máfia, países da UE, dentre outros.

Como dito anteriormente, empregamos a abordagem para ACM de Charteris-Black (2004) para detectar e analisar as expressões mencionadas acima. A ACM é aplicada a metáforas em três estágios: identificação (A), interpretação (B) e explicação (C). Nesta pesquisa, focamos inicialmente no primeiro estágio e, depois, consideramos o segundo e o terceiro estágios à medida que desenvolvemos a seção de resultados. Consideramos que uma expressão é usada metaforicamente quando ela quebra a isotopia do texto (GREIMAS, 1983), o que Charteris-Black (2011) define como uma “tensão semântica”⁸. A identificação de uma expressão metafórica é, portanto, feita no momento em que a coerência interpretativa é quebrada, o que nos permite questionar o que levou o autor ou autora do discurso a usar a linguagem figurativa ao invés da literal. As tabelas 1, 2 e 3 apresentam os principais domínios fonte identificados nas notícias coletadas e analisadas para cada período e fornecem contagem das expressões metafóricas de forma a destacar sua frequência.

⁷ Do original: “*the adoption of a familiar source or experience to serve as a base analog that is then mapped onto an unfamiliar target analog*”.

⁸ Do original: “*semantic tension*”.

TABELA 1 - Expressões metafóricas classificadas por domínio fonte em artigos de notícia de 2015

Domínio Fonte	<i>La Vanguardia</i>	%	<i>El País</i>	%	<i>El Mundo</i>	%
CONFLITO / CRIME	2	5,2	7	7,6	3	8,3
JORNADA / CAMINHO / MOVIMENTO	7	18,4	11	11,9	2	2,7
CONTÊINER	4	10,5	8	8,7	4	11,1
ÁGUA	22	57,9	20	21,7	11	30,5
JOGO / ESPORTES	2	5,2	7	7,6	1	2,7
MECÂNICA / FÍSICA	0	0	1	1	6	16,6
RELIGIÃO / CRENÇA	0	0	6	6,5	6	16,6
OUTRO	1	2,6	32	34,5	3	8,1
TOTAL	38	100	92	100	36	100

Fonte: elaborado pelas autoras.

TABELA 2 - Expressões metafóricas classificadas por domínio fonte em artigos de notícia de 2016

Domínio Fonte	<i>La Vanguardia</i>	%	<i>El País</i>	%	<i>El Mundo</i>	%
CONFLITO / CRIME	4	6,7	5	15,6	8	13,1
JORNADA / CAMINHO / MOVIMENTO	9	15	9	28,1	13	21,3
CONTÊINER	3	5	7	23,3	6	9,8
ÁGUA	9	15	3	9,4	2	3,3
MECÂNICA / FÍSICA	6	10	0	0	2	3,3
JOGO / ESPORTES	2	3,3	2	6,3	4	6,5
SER VIVO	19	31,6	5	15,6	11	18
RELIGIÃO / CRENÇA	1	1,6	0	0	3	4,9
OUTRO	7	11,5	1	3,1	9	14,6

TOTAL	60	100	32	100	61	100
-------	----	-----	----	-----	----	-----

Fonte: elaborado pelas autoras.

A amostra foi codificada por duas pesquisadoras. Para diminuir a subjetividade da classificação das metáforas, a confiabilidade entre as codificações foi calculada por meio de um teste de concordância entre avaliações (alfa de Krippendorff) de 50% do conjunto de dados. O teste resultou em um valor alto ($\alpha = 0,8769$), considerando que um alfa acima de 0,8 indica uma alta confiabilidade entre codificações. Os casos problemáticos foram solucionados por meio de discussões entre as duas codificadoras.

Para o segundo estágio, utilizamos o conceito de cenário proposto por Musolff (2004). Cenários estão ligados ao fato de que um único domínio fonte pode incluir conceitualizações distintas. Musolff (2004, p. 13) descreve um cenário como sendo “uma categoria analítica intermediária entre o nível do domínio conceitual como um todo e os seus elementos individuais”⁹. Essa abordagem nos ajuda a traçar o enredo principal que guia a interpretação, analisando os mapeamentos conceituais decorrentes do uso de uma fonte para mapear um alvo. Ao desenvolver esses mapeamentos, buscamos fornecer percepções quanto às narrativas produzidas a partir do uso dos principais domínios fonte sobre imigrantes, políticas e o papel dos países da UE, bem como explicar essas narrativas de acordo com o contexto, tendo em mente a dimensão pragmática do discurso.

TABELA 3 - Expressões metafóricas classificadas por domínio fonte em artigos de notícia de 2017

Domínio Fonte	<i>La Vanguardia</i>	%	<i>El País</i>	%	<i>El Mundo</i>	%
CONFLITO / CRIME	5	10,8	8	9.7	4	14,2

⁹ Do original: “an intermediate analytical category between the level of the conceptual domain as a whole and its individual elements”.

JORNADA / CAMINHO / MOVIMENTO	12	26	19	23,1	0	0
CONTÊINER	2	4,3	3	3,6	10	35,7
ÁGUA	5	10,8	7	8,5	1	3,6
MECÂNICA / FÍSICA	1	2,2	6	7,3	0	0
JOGO / ESPORTES	2	4,3	3	3,6	0	0
ECONOMIA / NEGÓCIOS	1	2,2	15	18,3	4	14,3
OBJETO FÍSICO	5	10,8	5	6	2	7,1
SER VIVO	12	26	11	13,4	4	14,3
OUTRO	1	2,2	5	6,5	3	10,7
<hr/>						
TOTAL	46	100	82	100	28	100

Fonte: elaborado pelas autoras.

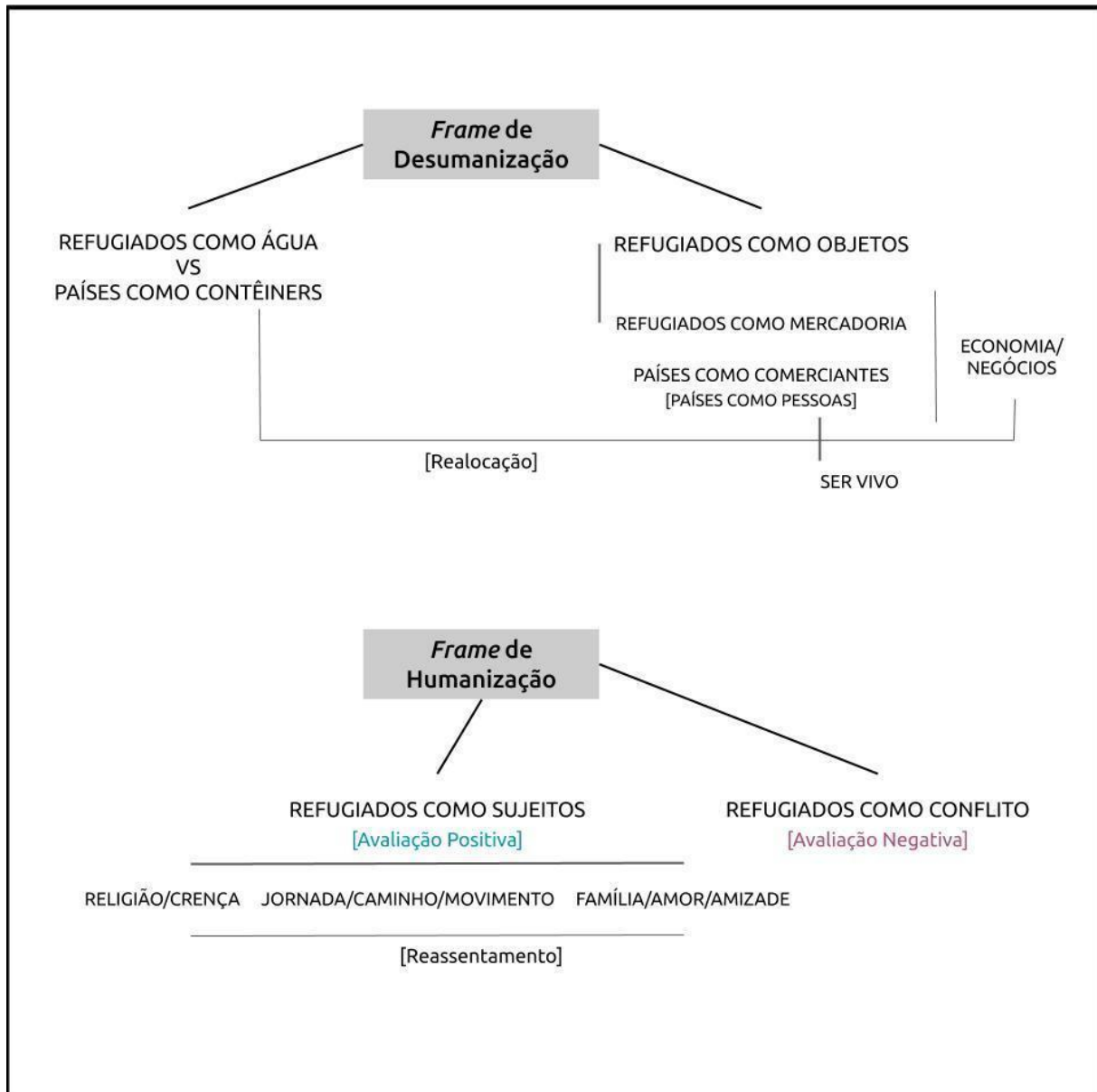
7. Resultados

Desde o começo da crise, mas especialmente a partir da Cúpula da UE em Bruxelas, em 2015, notícias sobre refugiados têm sido divulgadas constantemente na imprensa espanhola. Contudo, notícias sobre refugiados e políticas de realocação diminuíram ao passo que a implementação das medidas aprovadas pela Cúpula da UE mostrou-se falha. Assim, enquanto coletamos 43 notícias sobre a crise de refugiados em 2015, coletamos apenas 27 em 2016 (quando o primeiro grupo de refugiados chegou à Espanha) e somente 19 em 2017 (quando o prazo das cotas expirou).

Nossa análise dos domínios alvo identificados revela que, em 2015, referências à crise de refugiados e a migrantes eram imperativas ao se fazer uma construção metafórica sobre o assunto. Contudo, em 2016 e 2017, embora os migrantes ainda fossem alvos de tais construções, isso ocorria num contexto de políticas migratórias sobre países da UE, incluindo, é claro, a Espanha.

À medida que a crise de refugiados se desenrolava, os domínios fonte água/contêiner foram mantidos, aludindo à interação entre as políticas da UE e a chegada dos refugiados. Contudo, novos domínios fonte apareceram e ajudaram a criar uma narrativa mais complexa, incluindo novos atores políticos e ações que se diferem daquelas de “contenção” e “controle de fronteiras” – por exemplo, comércio/negócios. Com base na literatura existente, propomos um mapa metafórico moldado por dois principais *frames* superiores (Figura 1): (a) o “*frame* de desumanização”, definido como um conjunto de domínios fonte e metáforas associadas que implicam em uma desumanização do migrante a partir de uma narrativa de deslegitimação política; e (b) o “*frame* de humanização”, definido como um conjunto de domínios fonte e metáforas associadas que conferem ao migrante ação política, ainda que nem sempre, como veremos, em uma narrativa positiva e legitimadora.

Figura 1 - Mapa das metáforas de desumanização e humanização



Fonte: elaborado pelas autoras.

8. Metáforas de Desumanização

O domínio fonte água/contêiner se refere principalmente aos migrantes e às ações políticas da UE e de seus estados membros. Em 2015, os refugiados são o principal domínio alvo, e, em 30,5% dos casos, as metáforas mais recorrentes estão relacionadas à água ou à massa de água. O segundo domínio fonte mais importante é o de contêiner (11%), referindo-se principalmente às medidas políticas adotadas ou em vias de serem adotadas pela UE e por seus estados membros. A narrativa de desumanização é reforçada pelo binômio metafórico que associa o migrante com água e, especialmente, com massa de água, bem como a necessidade

de contenção para evitar danos. Aqui, encontramos metáforas como “avalanche”, “tsunami” e “dilúvio”:

Exemplo 1: (A União Europeia) está tentando limitar o atual fluxo em direção à Alemanha (LÓPEZ, 2015, *La Vanguardia*, p. 5).¹⁰

Exemplo 2: Apenas no último sábado, 16.600 pessoas entraram na Áustria e, impossibilitadas de prosseguir até à Alemanha, o alagamento ameaçou criar um estrangulamento de consequências humanitárias imprevisíveis (SÁNCHEZ, 2015, *El Mundo*, p. 29).¹¹

Exemplo 3: A decisão da Áustria de usar o exército para gerenciar o dilúvio após a suspensão temporária das comunicações ferroviárias com a Alemanha (Departamento Editorial, 2015, *El País*, p. 12).¹²

Em 2016 e 2017, enquanto o domínio fonte água/contêiner continuou a ser amplamente utilizado na imprensa espanhola, novas metáforas também surgiram. Países e instituições da UE deram cabo a ações políticas que foram além da inicial “contenção” do “dilúvio”, mas foram conceitualizadas de acordo com o domínio fonte ser vivo (i.e., eles foram personificados). Em contraste, especialmente em 2017, migrantes experienciaram o oposto: foram conceitualizados como objetos ou mercadorias quando ligados aos domínios fonte comércio/negócios.

Exemplo 4: As metas iniciais foram ajustadas para baixo em face da falta de compromisso político ou de formas efetivas de distribuir os números acordados... (ABELLÁN, 2017, *El País*, p. 8).¹³

Exemplo 5: A Europa cumpriu com apenas 25% das cotas acordadas... (*El Mundo*, 2017, p. 3).¹⁴

¹⁰ Do original: “(The UE) is trying to limit the current flow toward Germany”.

¹¹ Do original: “On last Sunday alone, 16,600 people entered Austria and, unable to continue to Germany, the flood threatened to create a bottleneck of unpredictable humanitarian consequences”.

¹² Do original: “Austria’s decision to use the army to try to manage the deluge after temporary suspension of rail communications with Germany”.

¹³ Do original: “The initial goals were adjusted downward in the face of the lack of political commitment or effective ways to distribute the numbers agreed...”.

¹⁴ Do original: “Europe has only met 25% of the agreed quotas...”.

A personificação de países e instituições como comerciantes e a transformação da crise de refugiados numa questão de “cotas”, “acordos” e “iniciativas” acentua a percepção do migrante como um objeto ou *commodity*. Lakoff (1999) e, mais recentemente, Arcimaviciene e Baglama (2018) apontam que essa desumanização e deslegitimação do migrante incentiva a legitimação de uma narrativa metafórica na política internacional que conota controle e eficiência. A imprensa espanhola ecoa essa estratégia discursiva de considerar migrantes como objetos. Nesse sentido, *La Vanguardia* (MARCHENA, DOMINGO, 2016, p. 36) se referiu às reclamações de várias ONGs sobre o conceito de “cotas” e as políticas que as legitimam.

9. Metáforas de Humanização

Podemos distinguir dois domínios fonte predominantes que conceitualizam migrantes/refugiados como sujeitos: jornada e conflito/crime. Metáforas de jornada geram maior empatia para com migrantes, ao passo que metáforas de conflito/crime os enquadram de forma negativa. O uso das seguintes metáforas de jornada implica uma avaliação positiva dos refugiados ou, ao menos, promovem empatia para com o drama dos migrantes:

Exemplo 6: Este é o êxodo terrível de uma multidão varrida de sua terra (CERVERA, 2015, *La Vanguardia*, p. 3).¹⁵

Exemplo 7: A jornada de Osama e suas crianças, uma odisseia com um final feliz. (MUCHA, 2015, *El Mundo*, p. 41).¹⁶

Conhecimento do livro bíblico do Êxodo, assim como da Odisseia de Homero, permite que o leitor entenda que refugiados sírios estão embarcando numa longa e difícil jornada que eles foram forçados a fazer. Entretanto, a metáfora de jornada também pode ter conotações negativas, dependendo do contexto em que está inserida. No seguinte exemplo, as palavras “impotente” e “incontrolável” sugerem que a chegada à Terra Prometida é feita de forma descontrolada, fazendo da Itália uma vítima dessa situação e desenhando um cenário diferente:

¹⁵ Do original: “*This is the dreadful exodus of a crowd swept away from their land*”.

¹⁶ Do original: “*The journey of Osama and his children, an odyssey with a happy ending*.”

Exemplo 8: Itália impotente em face a um êxodo incontrolável a suas margens (VAL, 2016, *La Vanguardia*, p. 8).¹⁷

Note, contudo, que a recorrência do domínio fonte de jornada em 2016 e 2017 (21% a 25%, dependendo do jornal analisado) não se deve exclusivamente a metáforas relacionadas a migrantes, mas é aplicada especialmente a políticos e até mesmo às políticas de países e instituições da UE, que são conceitualizadas como seres vivos e não como estruturas políticas complexas. Países são entidades antropomórficas, o que envolve o uso de nossa experiência e conhecimento sobre seres humanos para definir esse domínio fonte (SEMINO, 2008, p. 101).

Na verdade, o uso do domínio fonte de jornada é revelado através de um mecanismo geral de humanização e legitimação por e de instituições presentes na amostra.

Exemplo 9: Nosso vizinho (Marrocos) assume então um papel de policiamento em impedir a passagem de subsaarianos e sírios (SAN MARTÍN, 2016, *El Mundo*, p. 27).¹⁸

Exemplo 10: E a Europa acaba dando um passo atrás em uma de suas maiores conquistas, o livre movimento de pessoas (NAVARRO, 2017, *La Vanguardia*, p. 2).¹⁹

Exemplo 11: Bruxelas entendeu que era tempo de dar um passo à frente na convicção de que aqueles que estavam pousando (ABELLAN, 2017, *El País*, p. 8).²⁰

A Espanha não aparece como um ator político em 2015, mas, em 2016 e 2017, começa a ser focalizada também como um ser vivo, o que representa, frequentemente, uma avaliação negativa das políticas de asilo espanholas.

Exemplo 12: Diante desse arrastar de pés da Espanha e da Europa (LUNA, 2016, *La Vanguardia*, p. 24).²¹

¹⁷ Do original: “Italy impotent in the face of an unstoppable exodus to its shores”.

¹⁸ Do original: “Our neighbor (Morocco) thus takes on a policing role in impending the passage of sub-Saharan and Syrians”.

¹⁹ Do original: “And Europe ends up taking a step backward in one of its greatest achievements, the free movement of people”.

²⁰ Do original: “Brussels understood it was time to take a step forward in the conviction that those who were landing”.

²¹ Do original: “Faced with this Spanish and European dragging of feet”.

Exemplo 13: Uma ONG denunciou a falta de sensibilidade na Espanha e UE em geral (MARCHENA, 2017, *La Vanguardia*, p. 36).²²

De acordo com Chilton (1996), a personificação de entidades políticas abstratas como países e instituições — que podem então se “mover” e se “comportar” de uma certa maneira — é capaz de fornecer um melhor entendimento da política internacional. Mas, isso também gera um desequilíbrio quando essa personificação é combinada com uma objetificação do migrante. Esse tipo de ligação metafórica dupla entre os domínios fonte de ser vivo e de objeto físico, como indicado por Arcimaviciene e Baglama (2018), deslegitima “eles” ao passo que legitima “nós” e legitima as decisões feitas por “nós” sobre “eles” (p. 11).

Isso é acentuado, sobretudo em 2017, pelo surgimento de outro domínio fonte, o de conflito/crime, se referindo a migrantes como o domínio alvo. Nesse caso, o migrante é enquadrado como um sujeito, mas em termos negativos. O uso de metáforas de guerra para se referir a migrantes é constante especialmente em 2016, assim como o uso de metáforas para se referir a países que “enfrentam”, “lidam com” e “lutam contra” a crise migratória. Segundo Gualda e Rebollo Díaz (2016) e Pătrașcu (2015), isso retrata o migrante como um ator político cujo propósito é gerar conflito.

Exemplo 14: A maioria dos refugiados que compõe parte do primeiro contingente / Os primeiros de 586 requerentes de asilo (BENGOA, 2016, *El País*, p. 23).²³

Exemplo 15: Entre suecos e finlandeses, uma mensagem está conquistando territórios contra imigrantes que ameaçam o estado de bem-estar social (VALERO, 2016, *El Mundo*, p. 22).²⁴

Ainda assim, a única vez que uma relação direta se apresenta entre os termos migrante e crime na imprensa espanhola é quando ela ecoa declarações de partidos alemães de extrema direita durante as eleições presidenciais da Alemanha em 2017: “A Alemanha se tornou um refúgio para criminosos e terroristas de todo o mundo”²⁵ e “O Islã ameaça a paz na Alemanha”²⁶

²² Do original: “A NGO denounced the lack of sensitivity in Spain and the EU in general”.

²³ Do original: “Most of the refugees forming part of the first contingent / The advance party of 586 asylum seekers”.

²⁴ Do original: “Among Swedes and Finns a message is gaining ground against immigrants endangering the welfare state”.

²⁵ Do original: “Germany has become a safe haven for criminals and terrorists around the world”.

²⁶ Do original: “Islam endangers peace in Germany”.

(Alexander Gauland, líder do Alternativa para a Alemanha²⁷, citado em VALERO, 2017, *El Mundo*, p. 20). Portanto, a forma pela qual a imprensa espanhola retratou a crise de refugiados em 2015-2017 foi notavelmente diferente do discurso dos anos 90, o qual se apoiava no *frame* conflito/crime.

Podemos ver que as metáforas ligadas ao “*frame* de humanização” não resultam necessariamente numa visão positiva do migrante, cuja agência pode representar uma ameaça se associada com domínios fonte ligados ao conflito/crime. Nesse caso, países da UE são retratados como seres vivos “lutando” contra uma ameaça – todas as implicações da crise de refugiados – na qual migrantes são focalizados como parte de um exército (i.e., contingente). O elemento de violência implícito que subjaz essa narrativa alimenta o mito da “invasão” (CHARTERIS-BLACK, 2006) e se liga a uma rede de metáforas bem estudada que se apoia na dicotomia “nós/eles” e “dentro/fora”.

10. Discussão e Conclusões

Quando a crise migratória europeia passou a fazer parte da agenda política e midiática em 2015, ela foi conceitualizada principalmente através dos domínios fonte de desastre natural/água e contêiner na imprensa espanhola. As metáforas subjacentes a esses domínios fonte ajudaram alguns atores da UE a justificar a adoção de medidas de contenção como sendo a única reação política possível para enfrentar a “avalanche”, “inundação”, “onda” ou “tsunami” de refugiados. Por outro lado, o uso desses dois domínios fonte estabelece a desumanização do imigrante ao apelar para vários aspectos associados ao mito da invasão (CHARTERIS-BLACK, 2006). Apesar de não necessariamente implicar em violência, considerar que refugiados são desastres naturais pressupõe um sentimento de perigo iminente para a população que está no interior de um país (ou dentro de uma comunidade mais ampla como a UE), que é entendido como um contêiner que precisa ser preservado desse desastre. Considerar que refugiados não têm agência e que são uma força incontrolável da natureza também é útil para estabelecer um posicionamento moral que pode ser aceito por atores institucionais e políticos. Ao usar esse *frame*, eles não adotam um discurso abertamente racista ou xenofóbico, mas um tipo de barreira “politicamente correta” que os ajuda a argumentar a favor de uma ação política baseada na contenção, no fechamento de fronteiras, no questionamento do Espaço Schengen, na justificação da presença de campos de refugiados, dentre outros. A amostra analisada demonstra

²⁷ Do original: “*Alternative for Germany*”.

que a imprensa espanhola replica as narrativas pelas quais as fontes institucionais enquadram a crise migratória.

Em 2016 e 2017, quando os primeiros refugiados chegaram a diferentes países da UE como resultado do programa de “realocação” lançado pela Comissão da UE, novos atores e domínios fonte surgiram. De um lado, vimos como os governos de diferentes países se tornaram seres vivos que “mantiveram-se firmes”²⁸, “permaneceram firmes”, ou “foram preguiçosos”. Assim que governos e instituições começaram a ser conceitualizados como seres vivos, suas estratégias políticas foram descritas a partir do domínio fonte de jornada. Dessa forma, países “seguiram em frente” ou “voltaram atrás”. Por outro lado, refugiados foram retratados a partir de um *frame* de desumanização. Entretanto, apesar de os domínios fonte água/contêiner ainda aparecerem, há novas metáforas como “cota”, “volume” e “carga” que precisam ser “entregues” ou mercadorias que “geram incentivos econômicos” para países anfitriões, o que transforma migrantes em objetos. Da mesma maneira que Arcimaviciene e Baglama (2018) discutem, argumentamos que referir-se à crise de refugiados a partir do uso do domínio fonte de comércio/negócios requer pensarmos nos migrantes como mercadorias e essa é uma das narrativas ligadas ao *frame* de desumanização que possui implicações óbvias.

Usar a metáfora “política é negócios” pode gerar um discurso baseado na eficiência em detrimento da opinião pública, mas, na prática, isso resulta em um gerenciamento que implica a desumanização da política. Na verdade, transformar discursivamente migrantes em objetos está ligado à concepção da “Política de Realocação” da UE (COMISSÃO EUROPEIA, 2017). Essa é uma política reativa planejada para realocar refugiados em países anfitriões usando um esquema de cotas fixas. De acordo com a definição fornecida pelo Dicionário MacMillan, realocar é “mudar para um lugar diferente, ou fazer algo ou alguém fazê-lo”²⁹. Essa definição contrasta com as políticas de reassentamento de 2017 adotadas pela UE. A definição de reassentar considera que “se pessoas reassentam em algum lugar, ou se um governo ou outra autoridade as reassenta, elas passam a viver em uma região ou país diferentes”³⁰. Enquanto essa é uma política claramente pensada de forma proativa que coloca as pessoas no centro, aquela pode se referir a mudar “alguém” (mas também “algo”) de um lugar para outro, acarretando um entendimento mais ambíguo e, portanto, abrindo a porta para despersonalizar os refugiados e concebê-los como objetos quando usados. Apesar de constituir o *frame* principal da amostra

²⁸ Do original: “stood their ground”.

²⁹ Do original: “to move to a different place, or to make someone or something do this”.

³⁰ Do original: “if people resettle somewhere, or if a government or other authority resettles them, they go live in a different region or country”.

analisada, estratégias de desumanização e políticas de realocação não foram entendidas em termos de eficiência, mas consideradas uma falha, porque países anfitriões mal atingiram a cota acordada. Os resultados mostraram que, no caso da Espanha, por exemplo, houve uma avaliação negativa da ação do governo espanhol, avaliação que foi amplamente veiculada pelos três jornais analisados. Assim, em 2016, a atitude da Espanha frente à crise de refugiados foi rotulada de “preguiçosa”, “cínica” e “estólida”. Além da replicação de fontes institucionais, o conjunto de dados de 2016 (e 2017) apresenta uma quantidade maior de artigos de opinião, permitindo que jornalistas e especialistas construíssem um discurso mais crítico sobre o assunto.

Similar à atitude preguiçosa atribuída ao governo espanhol, a imprensa não trouxe para a linha de frente o debate em torno da crise migratória, a qual recebeu baixa atenção de acordo com o número de artigos publicados durante os três eventos analisados. O colapso institucional por causa da crise econômica durante o governo de Mariano Rajoy e os conflitos internos subsequentes que a administração enfrentou entre 2011 e 2017 deslocou o foco para questões nacionais. A cobertura da crise de refugiados recebeu um olhar externo e considerou principalmente fontes institucionais. Apenas alguns dos que buscavam por asilo ganharam voz enquanto fontes de informação nas notícias analisadas (apenas 5%). Como foi dito anteriormente, o papel da Espanha e do governo espanhol foi testimonial. A situação poderia mudar a partir do aumento na visibilidade midiática do partido de extrema direita VOX e de seus resultados eleitorais nas eleições de 2019. Como outros movimentos de extrema direita na Europa, VOX está introduzindo a questão da imigração em sua agenda, o que tem forçado outros partidos políticos a levá-la em consideração. Discursos institucionais passados sobre “a luta contra a imigração ilegal” poderiam retornar, considerando que assimilar a imigração (ilegal) a refugiados já é uma estratégia utilizada em outros países para prevenir que políticas de asilo sejam apoiadas pela opinião pública (GOODMAN *et al.*, 2017).

Ao final de 2017, uma mudança pode ser percebida quanto às políticas da UE, sendo “Reassentamento” substituído por “Realocação”. As políticas de reassentamento podem ser entendidas como uma estratégia para aumentar os caminhos legais para a Europa para aqueles que precisam de proteção internacional e é uma parte essencial do trabalho da UE (COMISSÃO EUROPEIA, 2018). Essas políticas têm o objetivo de prover os refugiados com “caminhos” legais para chegar à Europa a partir da Turquia e a outros países parceiros dentro e fora da UE de forma a evitar a ação de máfias e a chegada “incontrolável” de migrantes. Com isso em mente, o uso do domínio fonte de jornada (bem como o de família/amor) para enquadrar os refugiados implicaria na humanização do migrante ao colocá-lo(a) no centro da ação política e

dar a ele(a) mais autonomia para tomar decisões sobre seu futuro. Apesar das metáforas de conflito/crime terem aumentado em 2017, seria aconselhável a profissionais da comunicação (na Espanha) usar metáforas que constroem um *frame* de humanização positiva e minimizar os *frames* de humanização negativa e desumanização. Dessa forma, eles evitariam a legitimação das exclusões e a implementação de políticas repressivas.

Referências:

- ABELLÁN, L. El reparto de refugiados en la UE termina con un cumplimiento ínfimo. **El País**, Bruxelas, p. 8, 27 set. 2017.
- ABID, R. Z.; MANAN, S. A.; RAHMAN, Z. A. A. A. A flood of Syrians has slowed to a trickle: The use of metaphors in the representation of Syrian refugees in the online media news reports of host and non-host countries. **Discourse & Communication**, London, v. 11, n. 2, p. 121-140, 2017. DOI:10.1177/1750481317691857.
- AIERBE, P. M. Trabajar en la red: La agenda de la diversidad. In: LARIO, M. (Ed.). **Medios de comunicación e inmigración**. Murcia: CAM Obra Social, 2006. p. 288-297.
- ALSCHER, S. Knocking at the doors of “fortress Europe”: Migration and border control in Southern Spain and Eastern Poland. **University of California San Diego Working Papers**, San Diego, n. 126, p. 1-28, 2017.
- ARANGO, J.; MAHÍA, R.; MOYA, D.; SÁNCHEZ-MONTIJANO, E. The year of refugees. In: **Anuario CIDOB de la inmigración 2015-2016**. Barcelona: CIDOB, 2016. doi:10.24241/AnuarioCIDOBInmi.2016
- ARCIMAVICIENE, L.; BAGLAMA, S. H. Migration, metaphor and myth in media representations: The ideological dichotomy of “them” and “us.” **SAGE Open**, v. 8, n. 2, p. 1-13, 2018. DOI: 10.1177/2158244018768657.
- BAIDER, F.; KOPYTOWSKA, M. Conceptualizing the other: Online discourses on the current refugee crisis in Cyprus and in Poland. **Lodz Papers in Pragmatics**, v. 13, n. 2, p. 203-233, 2017. DOI: 10.1515/lpp2017-0011
- BENGOA, A. Llegan a España los primeros 20 refugiados desde Grecia. **El País**, p. 1, 25 maio 2016.
- BERRY, M.; GARCIA-BLANCO, I.; MOORE, K. **Press coverage of the refugee and migrant crisis in the EU: A content analysis of five European countries**. Geneva: UNHCR, 2016.
- BICKES, H.; OTTEN, T.; WEYMANN, L. C. The financial crisis in the German and English press: Metaphorical structures in the media coverage on Greece, Spain and Italy. **Discourse & Society**, v. 25, n. 4, p. 424-445, 2014. DOI:10.1177/0957926514536956
- BLACK, M. **Models and metaphors**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1962.

- BOUGHER, L. The case for metaphor in political reasoning and cognition. **Political Psychology**, v. 33, n. 1, p. 145-163, 2012.
- BURGERS, C.; KONIJN, E.; STEEN, G. Figurative framing: Shaping public discourse through metaphor, hyperbole, and irony. **Communication Theory**, v. 26, n. 4, p. 410-430, 2016. DOI: 10.1111/comt.12096
- CAMERON, L. Operationalising 'metaphor' for applied linguistic research. In: CAMERON, L.; LOW, G. (Eds.), **Researching and applying metaphor**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 3-28.
- CARNIEL, R.; ORTEGA, E.; VELÁZQUEZ, T. El tratamiento de la información sobre flujos migratorios en los medios de los países mediterráneos. **adComunica**, v. 16, p. 159-178, 2018. DOI: 10.6035/21740992.2018.16.9
- CASTAÑO, E.; LASO, N. J.; VERDAGUER, I. Immigration metaphors in a corpus of legal English: An exploratory study of EAL learners' metaphorical production and awareness. **Quaderns de Filologia: Estudis Lingüístics**, v. 22, p. 245-272, 2017. DOI: 10.7203/qf.22.11310
- CERVERA, G. iPhones en el maizal. **La Vanguardia**, Röske, p. 3, 14 set. 2015.
- CHARTERIS-BLACK, J. **Corpus approaches to critical metaphor analysis**. Londres: Palgrave MacMillan, 2004. DOI: 10.1057/9780230000612
- CHARTERIS-BLACK, J. Britain as a container: Immigration metaphors in the 2005 election campaign. **Discourse & Society**, v. 17, n. 5, p. 563-581, 2006. DOI: 10.1177/09579265060666345
- CHARTERIS-BLACK, J. Metaphor and political communication. In: MUSOLFF, A.; ZINKEN, J. (Eds.). **Metaphor and discourse**. Londres: Palgrave Macmillan, 2009. p. 97-115. DOI: 10.1057/9780230594647
- CHARTERIS-BLACK, J. **Politicians and rhetoric**: The persuasive power of metaphor. Londres: Palgrave MacMillan, 2011. DOI: 10.1057/9780230319899
- CHECA OLMOS, J. C.; ARJONA GARRIDO, Á. Spaniards' perspective of immigration. The role of the media. **Comunicar**, v. 19, n. 37, p. 141-149, 2011. DOI: 10.3916/C37-2011-03-06
- CHENG, L.; IGARTUA, J. J.; PALACIOS, E.; ACOSTA, T.; PALITO, S. Framing immigration news in Spanish regional press. **International Migration**, v. 52, n. 6, p. 197-215, 2014. DOI: 10.1111/j.1468-2435.2010.00647.x
- CHILTON, P. **Security metaphors**: Cold War discourse from containment to common house. Nova Iorque: Peter Lang, 1996.
- DEKAVALLA, M.; MONTAGUT, M. Constructing issues in the media through metaphoric frame networks. **Discourse, Context & Media**, v. 26, p. 74-81, 2018. doi:10.1016/j.dcm2018.05.003

DEL PINO, E. The Spanish welfare state from Zapatero to Rajoy: Recalibration to retrenchment. In: BOTTI, A.; FIELD, B., (Eds.). **Politics and society in contemporary Spain**. Europe in transition: The NYU European studies series. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2013. p. 197-216. DOI: 10.1057/9781137306623

DEMATA, M. A great and beautiful wall. **Journal of Language Aggression and Conflict**, v. 5, n. 2, p. 274-294, 2017. DOI: 10.1075/jlac.5.2.06dem

EBERT, J.-M.; MELTZER, C. E; HEIDENREICH, T.; HERRERO, B.; THORIN, N.; LIND, F.; STRÖMBÄCK, J. The European media discourse on immigration and its effects: A literature review. **Annals of the International Communication Association**, v. 42, n. 3, p. 207-223, 2018. DOI: 10.1080/23808985.2018.1497452

EDITORIAL OFFICE. No es un problema alemán. **El País**, Madri, p. 12, 15 set. 2015.

EDITORIAL OFFICE. Una Europa que no es solidaria se está traicionando. **El Mundo**, Madri, p. 3, 26 set. 2017.

ENTMAN, R. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993. DOI: 10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x

EUROPEAN UNION. European Commission. **Relocation & resettlement: Sharing responsibility and opening legal pathways to Europe**. Bruxelas: União Europeia, 26 set. 2017. Disponível em: https://ec.europa.eu/homeaffairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/policies/european-agendamigration/20170906_relocation_and_resettlementsharing_responsibility_and_increasing_legal_pathways_to_europe_en.pdf

EUROPEAN UNION. European Commission. **Managing the refugee crisis**. Bruxelas: União Europeia, 14 mar. 2018. Disponível em: https://ec.europa.eu/home-affairs/what-we-do/policies/european-agenda-migration/proposalimplementation-package_en

FERREIRA, L.; FLISTER, C.; MOROSINI, C. The representation of refuge and migration in the online media in Brazil and abroad: A cognitive linguistics analysis. **Signo**, v. 42, n. 75, p. 59-66, 2017. DOI: 10.17058/signo.v42i75.11217

FIGENSCHOU, T.; THORBJØRNSRUD, K. Faces of an invisible population: Human interest framing of irregular immigration news in the United States, France, and Norway. **American Behavioral Scientist**, v. 59, n. 7, p. 783-801, 2015. DOI: 10.1177/0002764215573256

GAMSON, W. A.; MODIGLIANI A. Media discourse and public opinion: A constructionist approach. **American Journal of Sociology**, v. 95, n. 1, p. 1-37, 1989.

GOODMAN, S.; SIRRIYEH, A.; MCMAHON, S. The evolving (re)categorisations of refugees throughout the “refugee/migrant crisis”. **Journal of Community & Applied Social Psychology**, v. 27, n. 2, p. 105-114, 2017. DOI: 10.1002/casp.2302

GREIMAS, A. J. **Structural semantics: An attempt at a method**. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1983.

GREUSSING, E.; BOOMGAARDEN, H. Shifting the refugee narrative? An automated frame analysis of Europe's 2015 refugee crisis. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 43, n. 11, p. 1749-1774, 2017. DOI: 10.1080/1369183X.2017.1282813

GUALDA, E.; REBOLLO DÍAZ, C. The refugee crisis on Twitter: A diversity of discourses at a European crossroads. **Journal of Spatial and Organizational Dynamics**, v. 4, n. 3, p. 200-212, 2016.

HANSON-EASEY, S.; AUGOUSTINOS, M. Out of Africa: Refugee policy and the language of causal attribution. **Discourse and Society**, v. 21, n. 3, p. 1-29, 2010. DOI: 10.1177/0957926509360744

HART, C. **Critical discourse analysis and cognitive science: new perspectives on immigration discourse**. London: Palgrave MacMillan, 2010. DOI: 10.1057/9780230299009

HEATH, A.; RICHARDS, L. **How do Europeans differ in their attitudes to immigration? Findings from the European social survey 2002/03-2016/17**. (Working Papers 222). Paris: OECD Publishing, 2019.

HOGAN, J.; HALTINNER, K. Floods, invaders, and parasites: Immigration threat narratives and right-wing populism in the USA, UK and Australia. **Journal of Intercultural Studies**, v. 36, n. 5, p. 520-543, 2015. DOI: 10.1080/07256868.2015.1072907

IGARTUA, J. J.; MUÑIZ, C.; CHENG, L. Immigration in the Spanish press. Empirical and methodological findings in connection with the news framework theory. **Publicación del Instituto Universitario de Estudios sobre Migraciones**, v. 17, p. 143-181, 2005.

IGARTUA, J. J.; MUÑIZ, C.; OTERO, J.; CHENG, L.; GÓMEZ-ISLA, J. Reception and socio-cognitive impact of news about immigration. **Revista de Psicología Social**, v. 23, n. 1, p. 3-16, 2008. DOI: 10.1174/0213474087833995552

JONES, W.; TEYTELBOYM, A. The international refugee match: A system that respects refugees' preferences and the priorities of states. **Refugee Survey Quarterly**, v. 36, n. 2, p. 84-109, 2017. DOI: 10.1093/rsq/hdx004

KÖVECSES, Z. **Metaphor: A practical introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, G. Metaphorical thought in foreign policy: Why strategic frame matters. **The Frameworks Institute**, 1999. Disponível em: https://www.frameworksinstitute.org/assets/files/PDF_GII/metaphorical_thought.pdf

LÓPEZ, M. P. Alemania restablece los controles en su frontera con Austria. **La Vanguardia**, Berlim, p. 5, 13 set. 2015.

LUNA, J. Ya tenemos refugiados... **La Vanguardia**, Barcelona, p. 24, 26 maio 2016.

MARCHENA, D. El plan estatal de asilo ningunea a Catalunya. **La Vanguardia**, p. 36, 25 maio 2016.

MARCHENA, D. Clamor por el olvido de los refugiados. **La Vanguardia**, p. 36, 27 set. 2017.

MARTÍNEZ LIROLA, M. **Migraciones, discursos e ideologías en una sociedad globalizada. Claves para su mejor comprensión.** Alicante: Instituto Alicantino de Cultura Juan Gil Albert, 2010.

MIO, J. S. Metaphor & politics. **Metaphor & Symbol**, v. 12, n. 2, p. 113-133, 1997. DOI: 10.1207/s15327868ms1202_2

MORALES, L.; PARDOS-PRADO, S.; ROS, V. Issue emergence and the dynamics of electoral competition around immigration in Spain. **Acta Política**, v. 50, n. 4, p. 461-485, 2015.

MUCHA, M. El viaje de Osama y sus hijos, una odisea con final feliz. **El Mundo**, Madri, p. 41-43, 17 set. 2015.

MUSOLFF, A. **Metaphor and political discourse**: analogical reasoning in debates about Europe. London: Palgrave Macmillan, 2004. DOI: 10.1057/9780230504516

MUSOLFF, A. Dehumanizing metaphors in UK immigrant debates in press and online media. **Journal of Language Aggression and Conflict**, v. 3, n. 1, p. 41-56, 2015. DOI: 10.1075/jlac.3.1.02mus

MUSOLFF, A. Truths, lies and figurative scenarios. **Journal of Language and Politics**, v. 16, n. 5, p. 641-657, 2017. DOI: 10.1075/jlp.16033.mus

NASH, M. **Inmigrantes en nuestro espejo**: inmigración y discurso periodístico en la prensa española. Barcelona: Icaria, 2005.

NAVARRO, B. Bruselas propone mantener tres años los controles fronterizos. **La Vanguardia**, Barcelona, p. 2, 28 set. 2017.

NEWS AGENCY. España y Europa incumplen de largo su compromiso de acogida de refugiados. **La Vanguardia**, Barcelona, p. 2, 26 set. 2017.

O'BRIEN, G. V. Indigestible food, conquering hordes, and waste materials: Metaphors of immigrants and the early immigration restriction debate in the United States. **Metaphor & Symbol**, v. 18, n. 1, p. 33-47, 2003. DOI: 10.1207/S15327868MS1801_3

PARKER, S.; NAPER, A. A.; GOODMAN, S. How a photograph of a drowned refugee child turned a migrant crisis into a refugee crisis: a comparative discourse analysis. **For(e) dialogue**, v. 2, n. 1, p. 12-28, 2018. DOI: 10.29311/for(e)dialogue.v2i1.601

PĂTRAȘCU, C. Refugee representations across European media: Discursive constructions of immigration. **Public Administration & Regional Studies**, v. 16, n. 2, p. 42-50, 2015.

PÉREZ, J. El discurso de los medios: hacia un enfoque positivo de la inmigración. In: LARIO, M. (Org.). **Medios de Comunicación e Inmigración**. Murcia: CAM Obra Social, 2006, p. 273-286.

- RODRÍGUEZ, R.; MENA, N. Public opinion and frames: Crisis of the dugout canoes. **Revista Latina de Comunicación Social**, v. 11, n. 63, p. 341-347, 2008. DOI: 10.4185/RLCS-63-2008-772-341-347
- ROJO, L. M.; VAN DIJK, T. A. “There was a problem, and it was solved!”: Legitimizing the expulsion of ‘illegal’ migrants in Spanish parliamentary discourse. **Discourse & Society**, v. 8, n. 4, p. 523-566, 1997. doi:10.1177/0957926597008004005
- SÁNCHEZ, R. Europa refuerza sus fronteras. **El Mundo**, Madri, p. 23, 15 set. 2015.
- SAN MARTÍN, O. Así hacen negocio las mafias con los sirios en la frontera de Melilla. **El Mundo**, Madri, p. 26-27, 23 maio 2016.
- SANTA ANA, O. “Like an animal I was treated”: Anti-immigrant metaphor in US public discourse. **Discourse & Society**, v. 10, n. 2, p. 191-224, 1999. DOI: 10.1177/0957926599010002004
- SEMINO, E. **Metaphor in discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008
- ULLÁN DE LA ROSA, F. J. Immigration and immigration policies in Spain. In: LEAL, D.; RODRÍGUEZ, N. (Orgs.). **Migration in an era of restriction and recession: Sending and receiving nations in a changing global environment**. Basel: Springer, 2016, p. 175-210. DOI: 10.1007/978-3319-24445-7
- VAL, E. Rescatados 4000 migrantes en un día. Pero vuelca otra barcaza. **La Vanguardia**, Roma, p. 8, 27 maio 2017.
- VALERO, C. Triunfo histórico de la ultraderecha. **El Mundo**, p. 20, 25 set. 2017.
- VALERO, C. Un presidente verde, y no ultra. **El Mundo**, p. 22, 24 maio 2016.
- VAN DIJK, T. A. **Elite discourse and racism**. London: SAGE Publications, 1993.
- VAN DIJK, T. A. **Racism and discourse in Spain and Latin America**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2005, v. 14. DOI: 10.1075/dapsac.14
- VAN GORP, B. Where is the frame? Victims and intruders in the Belgian press coverage of the asylum issue. **European Journal of Communication**. v. 20, n. 4, p. 484-507, 2005. DOI: 10.1177/0267323105058253
- WODAK, R.; SEDLAK, M. “We demand that foreigners adapt to our life-style”: Political discourse on immigration laws in Austria and the United Kingdom. In: APPELT, E.; JAROSCH, M. **Combating racial discrimination**. Oxford: Berg Publishers, 2000, p. 217-237.